



O CAMPO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: leituras da escola no campo no Povoado de Araras em Faina – Goiás

Isaías Rodrigues da Silva
Universidade Estadual de Goiás

Edson Batista da Silva
Universidade Estadual de Goiás

Resumo

Este artigo discute a Educação no/do Campo e o projeto de campo no estado de Goiás, um espaço em disputa. A priori, considera-se que a Educação do Campo surge sob a necessidade de uma escolarização que atenda as especificidades do campo. Contudo é importante considerar que desde 1998, quando aconteceu a I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, já se passaram 21 anos. Portanto é preciso atentar para o tempo e a espacialidade desta construção que demandou envolvimento e engajamento de entidades, movimentos sociais e sindicais, que somados, solidificaram a práxis na Educação no/do campo. Os sujeitos da pesquisa são as famílias camponesas atendidas pela Escola Municipal Bruno Freire de Andrade, situada no povoado de Araras, no oeste do Município de Faina, no estado de Goiás. A intenção é compreender até que ponto a educação no/do campo que se faz neste município compromete a sucessão rural nas comunidades camponesas. Para isso foi necessário realizar pesquisa bibliográfica, documental e de campo ligada ao tema. O que demonstrou uma precariedade no atendimento aos estudantes camponeses.

Palavras-chave: Educação no/do campo. Campesinato. Luta pela terra.

EL CAMPO DE LA EDUCACIÓN DE CAMPO: lecturas de la escuela en el campo en la ciudad de Araras en Faina - Goiás

Resumen

Este artículo aborda la Educación en/del campo y el proyecto de campo en el Estado de Goiás, un espacio en disputa. A priori, se considera que la Educación Rural surge bajo la necesidad de una escolarización que cumpla con las especificidades del campo. Sin embargo, es importante tener en cuenta que desde 1998, cuando tuvo lugar la Primera Conferencia Nacional para una

Educación Básica del Campo, han pasado 21 años. Por lo tanto, es necesario prestar atención al tiempo y la espacialidad de esta construcción que exigió la participación y el compromiso de las entidades, los movimientos sociales y sindicales, que sumados, solidificaron la praxis en la educación en el campo. Los sujetos de investigación son las familias campesinas a las que asiste la escuela municipal Bruno Freire de Andrade, ubicada en el pueblo de Araras, en el oeste del municipio de Faina, en el estado de Goiás. La intención es entender hasta qué punto la educación en el campo en este municipio compromete la sucesión rural en las comunidades campesinas. Para ello fue necesario realizar investigaciones bibliográficas, documentales y de campo relacionadas con el tema. Lo cual mostró una precariedad en el servicio a los estudiantes campesinos.

Palabras clave: Educación en el campo. Campesinado. Lucha por la tierra.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado da nossa origem camponesa e dos estudos na graduação, realizados com as temáticas da Educação do Campo e reforma agrária, campesinato e luta pela terra. Estas experiências foram vividas no município de Goiás, que já possui uma caminhada importante no processo de luta pela terra e pela Educação do Campo.

No Município de Faina, no trabalho docente na Escola Municipal Bruno Freire de Andrade, situada no povoado de Araras, encontramos uma realidade que se tornou objeto de atenção. Primeiro porque percebemos um espaço propício para pesquisa científica. Segundo porque existem comunidades camponesas atendidas por essa escola e que se constatou o não reconhecimento das especificidades no seu processo de escolarização. Com essa preocupação apresentamos a temática central desta pesquisa.

Investigamos a escolarização que se realiza nesse município, com o objetivo de compreender os problemas e desafios no ensino que é oferecido, especialmente nas escolas que atendem o público do campo. Para tanto, discutimos a ideia da sucessão rural e do projeto de campo que está sendo pensado para o município de Faina. Desse modo, é necessário investigar o ensino que é oferecido nas escolas que estão no campo e a realidade vivida dos ex-estudantes. Para entender as implicações atuais e futuras desse processo para a permanência do jovem no campo.

A questão central da pesquisa é até que ponto a educação do/no campo que se faz na Escola Municipal Bruno Freire de Andrade compromete a sucessão rural na comunidade camponesa do Povoado de Araras em Faina. O histórico da educação oferecida para o campo remete a um modelo de educação que negligencia as prioridades do campesinato. Os agentes da educação do campo foram e são os próprios camponeses, que ao vivenciarem uma realidade dura, veem na educação um elemento de valorização do seu espaço de vida.

Para isso, será adotado como conceitos estruturantes para organização do texto, o território; a educação no/do campo e o campesinato. Também far-se-á uso de categorias da geografia escolar, para permitir leituras do ensino de geografia na escola. A discussão do processo de produção da Educação no/do Campo é um elemento primordial para as abordagens propostas. Com isso, é necessário contextualizar as bases históricas e a práxis, com a realidade de escolarização que se faz nas escolas no campo, trazendo para o centro a institucionalização dessas unidades escolares e as diversas intencionalidades com que este processo se apresenta.

Pilares da Educação no/do Campo: entendimentos e reflexões

Entendemos que a educação é um elemento primordial na vida de todos os seres humanos e não é diferente para os camponeses, que cientes de sua importância pensam sua práxis com a intenção de atender suas especificidades. A rigor a educação existe em cada povo, ou entre povos que se encontram. Manifesta-se pela luta de classes entre povos que submetem e dominam outros povos, usando-a como um recurso a mais de sua dominância (Brandão, 1989).

A educação institucionalizada, tratada neste texto como escolarização é um processo histórico e carregado de intencionalidades. Um fenômeno que merece atenção, como elabora Brandão (1989), ao discutir o que é educação.

A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida. Ela pode existir imposta por um sistema centralizado de poder, que usa o saber e o controle sobre o saber como armas que reforçam a desigualdade entre os homens, na divisão dos bens, do trabalho, dos direitos e dos símbolos. (BRANDÃO, 1989, p. 10).

Não é demais afirmar que ao tratarmos sobre o fenômeno da Educação do Campo, estamos mencionando sobre a proposição de uma escolarização emancipadora, criada e recriada pela experiência camponesa, com a intencionalidade de atender interesses do bem comum das comunidades camponesas, tendo como base o saber produtivo, o trabalho e a vida camponesa.

A discussão do processo da Educação do Campo inicia-se em 1998, quando aconteceu a I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, desde esse momento se passaram 21 anos. A atenção ao elemento temporal e a espacialidade desta construção que demandou envolvimento e engajamento de entidades, movimentos sociais e sindicais, que somados solidificaram a práxis na Educação no/do campo, se torna fundante para compreender até que ponto a educação do/no campo que se faz na Escola Municipal Bruno Freire de Andrade

compromete a sucessão rural na comunidade camponesa do Povoado de Araras em Faina.

A produção da Educação do Campo se apresenta como processo reflexivo, como ato de rebeldia, partindo das experiências de escolarização rural e no campo. Ela “nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas” (CALDART ET. AL, 2012, p. 249). O que materializa o processo contra hegemônico, tecido como reação ao sistema centralizado de poder.

Nesse sentido, as correntes filosóficas que fundamentam a Educação do Campo reforçam seu caráter humano e de rebeldia como a Pedagogia Socialista, tendo como principal expoente o educador Russo *Monsei Mikhailovich Pistrak*, que em seu ensaio concluído em 1924 “*Fundamentos da Escola do Trabalho*”, elabora pontos reflexivos para unicidade entre a escola e os camponeses.

Embora esta experiência tenha um distanciamento histórico/espacial, o contexto em que foi elaborada permite subsidiar reflexões atuais sobre a educação do campo. Em seu prefácio o autor explica que o texto é resultado de palestras, troca de opiniões, relatórios relativos à educação social. É resultado de ações coletivas vivenciadas na vida cotidiana no período da Revolução Russa. Como ponto de reflexão para a práxis da Educação do campo está colocada a abordagem sobre o papel da escola, para melhorar a agricultura, a economia rural e as condições de vida dos camponeses:

O trabalho social principal do professor e da escola deve consistir na melhoria constante da agricultura, da economia rural e das condições e vida do camponês; o trabalho deve ser feito com a ajuda da escola e através dela. Na medida em que atender as necessidades do agricultor, a escola se tornará indispensável para ele, podendo desempenhar um grande papel em toda sua vida; e assim veremos desaparecer a desconfiança que se manifesta aqui e ali em ralação a ela. Quando o camponês perceber que a escola é útil, que o ajuda a melhorar sua vida e seu trabalho, o absenteísmo escolar durante a primavera e o verão diminuirá rapidamente. Constata-se, então, que o problema essencial é aproximar a escola das necessidades da economia e da vida camponesas. (PISTRAK, 2001, p. 70).

Compreende-se que as proposições para a aproximação da escola com o trabalho social elaboradas por Pistrak, são “na verdade a construção de escolas que façam a diferença, que tenham ligação, que tenham compromisso, que influenciam e se deixem influenciar pela realidade onde estão inseridas (QUEIROZ, 2014 p 22).” A escola precisa estar territorializada.

Do mesmo modo, a *“Pedagogia do Oprimido”* de Paulo Freire traz a educação como prática da liberdade. A obra foi produzida durante seu exílio no Chile, período em que ajudou em experiências com educação popular. Dedicado aos que são referidos como os esfarrapados do mundo, Freire inclui uma detalhada análise da relação entre os que ele chama de “colonizador” e “colonizado.” Ele diz:

O problema de sua humanização, apesar de sempre dever haver sido, de um ponto de vista axiológico, o seu problema central, assume hoje caráter de preocupação iniludível. Constatar essa preocupação implica indiscutivelmente, em reconhecer a desumanização não apenas como viabilidade antológica, mas como viabilidade histórica. E também, e talvez, sobretudo, a partir desta dolorosa constatação, que os homens se perguntam sobre a outra viabilidade – a de sua humanização. (FREIRE, 1987, p 16).

Com isso, visualiza a realização da educação a partir da própria experiência de oprimido.

Outra discussão que merece atenção nas abordagens sobre a Educação do Campo refere-se aos termos educação rural, educação no campo e educação do campo, que são tomadas como se fossem um só, o que é um equívoco, visto que possuem uma carga histórica significativa para a educação no/do campo. Portanto, a definição desses termos faz-se necessário para realização de uma análise da escolarização que se faz no campo.

Segundo Ribeiro e Souza (2006), a educação rural expressa um sentido arcaico do rural. Nessa leitura o Brasil é tido como essencialmente urbano. A educação oferecida permite ao homem do campo somente aprender a ler e a escrever. Entende-se que ele não precisa mais do que isso. Nessa perspectiva o termo rural atende aos interesses da cidade. Uma vez que o termo foi difundido no período da modernização da agricultura, período de repressão da vida do homem no campo.

Segundo os mesmos autores, a educação no campo expressa o vínculo com a localização do ensino no campo. Mas a educação oferecida contempla a metodologia urbana, amplia-se a dicotomia campo/cidade. O resultado é a repressão da identidade do aluno do campo, com desvalorização de sua cultura e a reafirmação do modelo capitalista de desenvolvimento, alimentando a migração campo-cidade. “[...] assim, não basta levar o alunado a escola, mas repensar se a escola está levando o campo ao alunado (RIBEIRO e SOUZA, 2006 p 140).”

Dessa forma, a educação do campo possibilita a reflexão e a construção da escola do campo que valorize a identidade camponesa, que possua uma pluralidade das

ideias e das concepções pedagógicas que atenda às necessidades camponesas. Como afirma Caldart (2012, p. 263):

Constitui-se como luta social pelo acesso dos trabalhadores do campo à educação (e não a qualquer educação) feita por eles mesmos e não apenas em seu nome. A Educação do Campo não é para nem apenas com, mas sim dos camponeses, expressão legítima de uma pedagogia do oprimido.

A educação do campo compõe o projeto de campo tecido pelo campesinato. Como sujeitos da história, os camponeses em marcha exigem políticas públicas de educação que atendam suas necessidades. Nesse interim, no item que segue apresenta-se o histórico do ensino no campo no município de Faina.

A escolarização no município de Faina: elementos para análise da Educação no/do campo

O estado de Goiás possui uma história que merece atenção quanto as escolas situadas no campo. As políticas públicas que se realizaram por meio de projetos e programas para a escolarização no campo, quase sempre valorizaram a formação para a produção em grande escala. Em contraposição à formação para a soberania alimentar, reforça-se o latifúndio capitalista do agronegócio, tido como moderno e fragiliza a propriedade camponesa, entendida como arcaica e atrasada (SOUZA, 2012).

A educação no campo no Município de Faina é parte da educação que foi ofertada no estado de Goiás e no Brasil. O processo de escolarização nesse município possui problemas estruturais e pedagógicos. Por exemplo, é comum a cópia dos currículos e métodos de ensino da grade curricular do estado, o que denota desconhecimento das especificidades do município e da realidade de vida dos camponeses locais.

O território do município de Faina, inicialmente era distrito do município de Goiás. Em 9 de janeiro de 1988, pela lei estadual nº 10.434, foi criado o município, desmembrado do município de Goiás. A sede passou a ser o antigo distrito de Faina. Com sua transformação em município, Faina passa a deter três distritos: Faina, Jeroaquara (Santa Rita) e Caiçara. Sua instalação foi finalizada em 1º de junho de 1989 (Faina, 2019).

Nesse mesmo ano de emancipação, conforme a lei n.º 14, de 08 de setembro, foram criadas 36 (trinta e seis) escolas municipais, a maior parte delas localizadas no campo. As mesmas funcionavam com estrutura improvisada e eram multisseriadas. As escolas multisseriadas foram criadas a partir de uma resistência dos sujeitos, ou seja, de mulheres e homens do campo, dado à falta de condições mínimas de escolarização.

Mesmo sendo oriundas da necessidade e da realidade dos sujeitos, as escolas multisseriadas apresentavam problemas sérios no processo escolarização. Além de serem escolas com infraestrutura improvisada, com salas de aula e assentos inadequados, havia poucos materiais pedagógicos e não existia abastecimento de água.

Os professores que atuavam nessas escolas desempenhavam outras funções, sem a remuneração pelo trabalho realizado. Eram problemas comuns nessas escolas: a falta de estrutura adequada das salas, a má qualidade do ensino, a fragmentação dos conteúdos e o baixo rendimento dos estudantes. O ensino oferecido geralmente se consubstanciava a 1ª fase do Ensino Fundamental.

A continuidade da escolarização implicava/implica deslocamento para escolas urbanas, com altos índices de desistência e evasão escolar. Atualmente existem no município apenas nove escolas municipais ativas. Dessas, três estão localizadas na sede do município, três nos distritos e três em povoados, conforme o Quadro 1.

Quadro 1. Escolas Municipais ativas no município do Faina-2019.

Número	Nome da Escola	Localização
01	Creche Municipal Dona Maria Cardoso	Faina
02	Escola Municipal Albion de Barros Curado	Distrito Caiçara
03	Escola Municipal Bruno Freire de Andrade	Povoado de Araras
04	Escola Municipal Córrego Grande/Vera Cruz	Povoado da Burduna
05	Escola Municipal Francisco Eliezer Curado	Povoado da Burduna
06	Escola Municipal João Ferreira Avelar	Faina
07	Escola Municipal José Pereira Borges	Faina
08	Escola Municipal Santa Rita	Distrito de Santa Rita
09	Escola Municipal Vista Bela	Distrito de Vista Bela

Fonte: pesquisa campo/documental na Secretaria Municipal de Educação de Faina em 28/05/2019. Organização: SILVA, Isaías Rodrigues da.

Dessas escolas, aquelas localizadas na sede do município recebem alunos transportados do campo, as que estão situadas nos distritos e nos povoados tem estudantes apenas do campo, moradores dos distritos/povoados e das comunidades tradicionais camponesas. A criação de trinta e seis escolas, conforme lei citada anteriormente e a realidade de apenas nove escolas ativas no município, aponta para redução significativa do número de escolas em funcionamento. Das que foram criadas, constam como extintas treze localizadas no campo, conforme o ofício da Secretaria Municipal de Educação de Faina, encaminhado à Secretaria Estadual de Educação do estado de Goiás, no dia 11 de junho de 2018.

Dessa forma, constata-se que aconteceu no município a polarização das escolas municipais, ou seja, a unificação de duas ou mais unidades escolares,

conformando num montante de cerca de quatorze escolas. O modelo de escola polo foi criado com o discurso de atendimento das reivindicações das comunidades rurais, que encontravam dificuldades de deslocar seus alunos até a cidade. Elas atenderiam estudantes do campo de forma qualitativa, com extinção das escolas multisseriadas.

No entanto, Santos e Scolaro (2002, p. 7) defendem que: “O modelo de escolas polo foi à alternativa encontrada, dentro do processo de municipalização do Ensino Fundamental, para otimização da Educação no município – na verdade uma imposição da política neoliberal em âmbito nacional.”

Atualmente a escolarização no campo no município de Faina é preocupante, os alunos do Ensino Médio são transportados para a cidade e permanecem salas multisseriadas nas escolas do campo. Desse modo, há salas nas escolas polo que funcionam na perspectiva multisseriada. Por isso, esse trabalho suscita a discussão da escolarização que se faz no município, com possibilidades de reflexões e avanços no oferecimento da educação para os sujeitos do campo.

A ocupação territorial e a materialização da Educação no Campo no Povoado de Araras em Faina

A Escola Municipal Bruno Freire de Andrade, situada no povoado de Araras, no oeste do município de Faina-GO, foi criada pela lei n.º 14, do dia 08 de setembro de 1989, denominada inicialmente como Escola Municipal Curralinho. No seu início ela funcionava na fazenda de mesmo nome (FAINA, 1989). Com a criação do Povoado de Araras, a comunidade camponesa, por meio de mutirões construiu um barracão de abobe, coberto com folhas.

Nesse período funcionava a escola durante a semana, nos finais de semana o espaço era utilizado como capela para as celebrações da comunidade católica (MACHADO, 2011). Nesse ínterim, a escola é resultado da necessidade de escolarização dos filhos dos camponeses (as), que cobraram do poder público a efetivação do ensino no campo. Tomaram a iniciativa de construir a escola, que acreditam ser fundamental para a vida digna no campo.

Segundo Machado (2011), a formação do povoado de Araras iniciou-se com a migração da família de José Alexandre da Silva, vindo de Hidrolândia – GO no ano de 1965. Na oportunidade a família comprou uma gleba de terras (antiga sesmaria). A localidade era habitada por poucas famílias, tais como: as famílias Lucio Freire, Bruno Freire, Virgílio Jardim, Salomão, Tônico, Teófilo, Rufino Gomes, Joviano Freire e Outras. A referência à família do Sr. José Alexandre se deve ao fato de que seu filho Lazaro Alexandre da Silva doou na década de 1980, o terreno de meio alqueire para criação do então Povoado de Araras, na proximidade de um córrego com o mesmo nome.

Na Figura 1 apresenta-se o município de Faina e o povoado de Araras, onde localiza-se a Escola Municipal Bruno Freire de Andrade, bem como as famílias camponesas que tem estudantes atendidos pela instituição. Na década de 1990 foi inaugurado o novo prédio da escola (foto 1), a denominação Bruno Freire se

deu em homenagem aos primeiros moradores do povoado de Araras, especificamente ao patriarca da família Freire. A escola atende estudantes da Educação Infantil e da primeira e segunda fase do Ensino Fundamental no período matutino.



Foto 1. estado de Goiás – Faina - povoado de Araras - Espaço físico da Escola Municipal Bruno Freire de Andrade- 2019.
Autor: SILVA, Isaías Rodrigues da. jun. de 2019.

Os estudantes são de origem camponesa, pertencentes a três assentados de reforma agrária, (Assentamento 17 de Abril, Assentamento Patativa do Assaré e Assentamento Cora Coralina), assim como de trabalhadores rurais, empregados, sobretudo peões de fazendas próximas ao povoado. Isso evidencia que se trata de uma escola do campo. As criações dos assentamentos ampliaram o número de estudantes na instituição.

Concorda-se com Jesus (2011), no acesso à escola pelos estudantes camponeses é importante considerar a educação que está sendo ofertada no campo, dado as diversidades regionais no campo brasileiro. Um projeto de educação no/do campo precisa levar em conta as dificuldades existentes nos diferentes lugares, para trabalhar com as contradições presentes na vida camponesa.

A educação do campo necessita atender os interesses da vida no campo e, ao mesmo tempo, rever o método de ensino, quando esse não responde às necessidades dos camponeses. Desse modo, os camponeses do povoado de Araras e das áreas adjacentes, são acometidos pela doença genética rara denominada Xeroderma Pigmentoso¹ (XP). Conforme a moradora e autora Gleice Machado (2011, p. 15):

Realizo meu sonho de vida escrevendo sobre uma peste, uma marca genética, uma tragédia que apavora dezenas de pessoas de um mesmo tronco familiar de minha comunidade. Há mais de cinquenta anos, uma doença, até então tida como rara, tornou-se, tragicamente,

comum para as famílias Freire, Jardim e Gomes. É um longo ciclo movido pela dor, sofrimento, desespero, desalento, abandono e constrangimento, que marca famílias inteiras, expostas às cicatrizes do Xeroderma Pigmentoso.

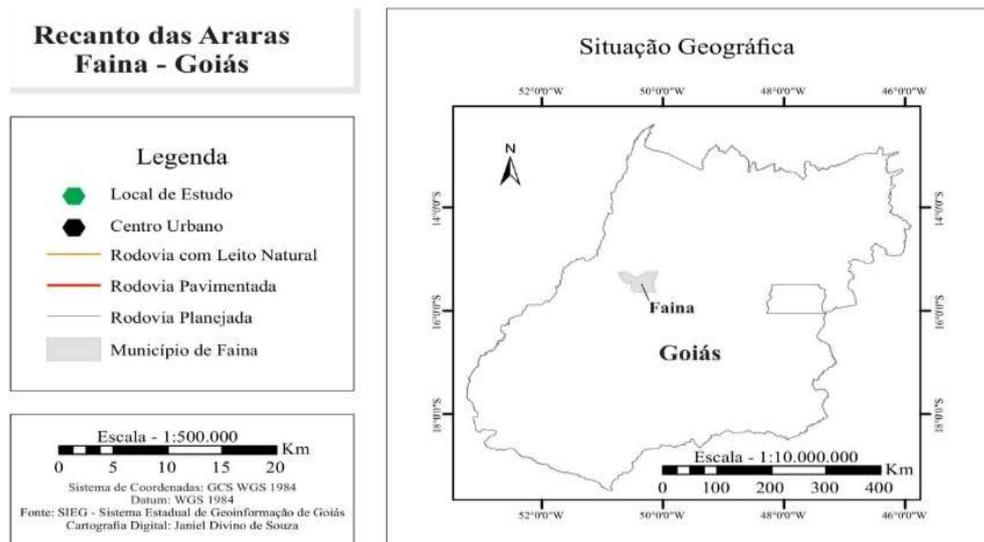
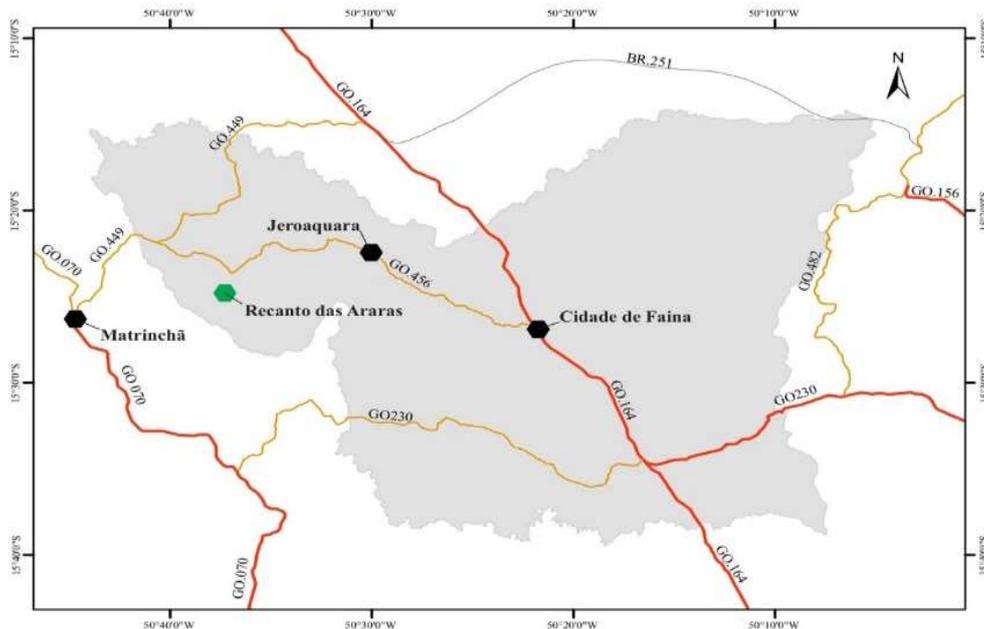


Figura 1. estado de Goiás - Município de Faina – localização do povoado de Araras- 2019.

Essa doença genética é agravada pela exposição ao sol. Os camponeses diariamente lidam com o cultivo de culturas agrícolas e manejo de criação

animais. Por isso, ou possuem acesso a políticas públicas que promovam a elaboração de tecnologias sociais que levem em conta o Xeroderma Pigmentoso, ou tornam-se impossibilitados para o trabalho no campo.

Essa especificidade da comunidade camponesa de Araras, que passou a ser conhecida e discutida após os anos de 2009, culminou com a fundação da Associação Brasileira do Xeroderma Pigmentoso (ABRAXP). A referida doença genética evidencia a necessidade de debate do modelo de escola no/do campo que se realiza na comunidade, tendo em vista o atendimento dos estudantes portadores do XP.

Entretanto, os moradores relatam que até a data de fundação da associação, na escola não se discutia essa problemática. Pelo contrário, os estudantes portadores do XP eram constantemente vítimas do preconceito, pela ausência de informações sobre a doença. Reafirma-se as tantas faces de um campo que pede atendimento específico das políticas públicas de educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse texto demonstra que a construção de uma educação do campo e para o campo compõe uma luta por outro projeto de campo. Não bastam ter escolas no campo, elas precisam reconhecer e valorizar as especificidades da realidade camponesa em suas diversas localidades.

A Escola Municipal Bruno Freire de Andrade não adota metodologias que levem em conta as necessidades e especificidades dos estudantes e da comunidade escolar camponesa do povoado de Araras. A deficiência de política pública para educação no/do campo é visceral no Estado brasileiro e concomitantemente no município de Faina, que não demonstra preocupação com a realidade da comunidade camponesa de Araras.

As particularidades da comunidade camponesa atendida pela Escola Municipal Bruno Freire de Andrade não são trabalhadas no processo de ensino aprendizagem. Não existe adoção de metodologias que deem conta destas discussões. Logo, entende-se que se não há a reconstrução cognitiva do espaço vivido, as leituras de campo predominantes são aquelas do projeto de campo dos agentes capitalistas

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. A. de. (Re)criação do campesinato, identidade e distinção: a luta pela terra e o habitus de classe. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

ARROYO, M; CALDART, R. S; MOLINA, M. C. Por uma educação do campo. Petrópolis: Editora vozes. 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CALDART, R. S. et al. (Org). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CARVALHO, J C. Camponeses no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1978.

CANEZIM, M.T; LOUREIRO, W.N. A Escola Normal em Goiás. Goiania: Ed. UFG, 1994.

Faina(GO). Site oficial Prefeitura. 2019. Disponível em: <https://www.faina.go.gov.br/pagina/165-historia>. Acesso em: junho. 2019.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 17ª ed. (1ª edição: 1970). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUIMARÃES, A. R. Da Revolução Agrícola a Revolução Industrial. In: _____. Quatro séculos de latifúndio. RJ: Paz e Terra. 1992.

JESUS, J. N. A pedagogia da alternância e o debate da educação no/do campo no estado de Goiás. Revista Nera, ano 14, nº. 18, Jan./Jun. de 2011.

LEITE, S. C. Escola Rural: Urbanização e Políticas educacionais. SP: Cortez. 2002.

MACHADO, G. Nas asas da esperança: a história de dor e resistência da comunidade de Araras. Goiânia, 2ª ed. Kelps, 2011.

MENCK, C.F.M; SOUTO, R; CHAIBUB, S.C.W. Isolamento Geográfico e os efeitos da combinação de genes p. 56-66. In: _____. MACHADO, G. Nas asas da esperança: a história de dor e resistência da comunidade de Araras. Goiânia, 2ª ed. Kelps, 2011.

PISTRAK, Monsei Mikhailovich. Fundamentos da Escola do Trabalho. . São Paulo: Editora Expressão Popular, 2001.

QUEIROZ, J. B. P. A Educação no/do Campo no Estado de Goiás. p. 13-25. In: _____. COSTA, A. A; SOUZA, F. E. (Org). Educação no Campo: Descobrimo o futuro perto de casa. Goiânia: Gráfica e Editora Vieira, 2014.

RIBEIRO, V. S; SOUZA, F.E. de. A educação Escolar no campo em Goiás. In: _____. Pedagogia da Alternância: construindo a educação do campo. Goiânia: ed Univera: 2006.

SANTOS, L. C.; SCOLARO, A (org). História Religiosidade e Cultura: Comunidades do Município de Goiás. Goiânia: UCG, 2002.

SOUZA, F. E. As “geografias” das escolas no campo do município de Goiás: instrumento para a valorização do território do camponês? Presidente Prudente – SP. 2012. Tese de Doutorado.

OLIVEIRA, A. U. de. Modo Capitalista de produção e Agricultura. SP: Ed. Ática, 1986.

Contato com o autor: Isaías Rodrigues da Silva <isaias.rodriguesdasilva@gmail.com>

Recebido em: 19/01/2020

Aprovado em: 27/05/2020

ⁱ A doença que acomete a comunidade de Araras (GO) tem um nome curioso, xerodermapigmentoso (do latim: xero = seca; derma = pele; pigmentosum = pigmentada). [...] O nome, simplificadaamente conhecido como XP, deve-se ao aspecto da pele dos pacientes, seca e cheia de pintas, mas que também pode apresentar o desenvolvimento de tumores na pele com frequência 1000 vezes acima do normal (MENCK, C.F.M. SOUTO, R. CHAIBUB, S.C.W. 2011, p. 56).